

# CONSTRUINDO A INTENÇÃO MUSICAL NA ESCOLA

Zenilda Alves Zanatta  
Secretaria de Estado da Educação do Paraná  
Zenildaz08@gmail.com

**Resumo:** Este trabalho faz uma reflexão sobre as aulas de Arte, no que se refere ao ensino de Música e analisa algumas atividades básicas bem como os resultados obtidos na implementação das aulas. As atividades foram estruturadas a partir de três momentos: Apreciação Musical, Execução Musical e Criação Musical. Os alunos tiveram a oportunidade de conhecer, refletir, experimentar, praticar e criar, desenvolvendo a sensibilidade musical e valorizando a prática da música na escola. Disso decorre que uma aula de Música ativa, pautada na experimentação e na criação, apresenta-se como uma forma de ensino das mais envolventes. A arte é um elemento muito importante na vida de cada pessoa e o educador, de modo especial, pode munir-se de situações motivadoras para propiciar ao aluno a construção do saber musical.

**Palavras chave:** Educação Musical; Ensino de música; Musicalidade;

“A música é muito complexa, mas ao mesmo tempo muito simples. Mas, mesmo sendo simples, você precisa ter confiança em você e no que você pode fazer”

Marisa Fonterrada.

Este trabalho tem como objetivo propiciar uma reflexão sobre as aulas de Arte, no que se refere ao ensino de Música. Não se tem a pretensão de prescrever soluções, mas, sim, de analisar algumas atividades básicas e apresentar propostas de ação que foram bem sucedidas em trabalhos realizados pela autora, e que poderão servir como exemplos para os professores da referida disciplina.

A construção da intenção musical na escola é, na verdade, um objetivo importante da aula de Música, no momento em que se quer promover o seu entendimento na instituição, e com esse propósito, pode-se tirar partido de todo e qualquer som. Ressalta-se que o desafio de criar, vai muito além do espaço sala de aula e atrai naturalmente os alunos. Disso decorre que uma aula de Música ativa, pautada na experimentação e na criação, apresenta-se como uma forma de ensino das mais envolventes. A arte é um elemento muito importante na vida

de cada pessoa e o educador, de modo especial, pode munir-se de situações motivadoras para propiciar ao aluno a construção do saber musical.

Porém a construção do saber, não é simples e não acontece sem uma procura constante, sendo resultado de um processo que evolui com a intensidade da busca. Para Morin (2004), a construção do saber é um processo complexo, não como sinônimo de dificuldades, mas é um termo que abrange vários elementos, o tecido que junta o todo. Pode reformar o pensamento, por meio da busca de novos caminhos, o estabelecimento de uma nova geração de teorias abertas, racionais, críticas, reflexivas, autocríticas aptas a se auto-reformarem ou mesmo a se auto-revolucionarem. São grandes os desafios na educação e é fundamental entender as transformações pelas quais o mundo está passando, principalmente, quando se trata de um professor. Afinal, hoje não basta o professor repassar informações para seus alunos. É preciso prepará-los para agir como cidadãos e interferir de modo ativo na sua comunidade. O “transmitir não um mero saber, mas uma cultura que permita compreender nossa condição e nos ajude a viver, e que favoreça, ao mesmo tempo, um modo de pensar aberto e livre” (MORIN, 2004, p. 11). E em constantes transformações, onde a própria dinâmica impulsiona novos saberes.

Em função dessa complexidade, para compreender conceitos sobre a aprendizagem musical recorreremos a Schafer (1992, p. 35). Ele afirma que música é uma organização de sons (ritmo, intensidade, melodia e timbre), com a intenção de ser ouvida. Este conceito nos remete a uma nova visão sobre a arte musical, na qual não devemos nos prender somente às definições ortodoxas de música como sendo erudita, popular ou folclórica, nem ao nosso gosto pessoal. Devemos nos livrar de preconceitos e etnocentrismo e ouvir a música despretensiosamente. De acordo com o pensamento do autor, a música também pode ser descritiva, como uma imitação da natureza ou de sons do cotidiano.

Schafer (1992) aponta que educação musical deve concentrar-se em desenvolver o potencial criativo, conscientizar os alunos sobre os sons ambientais e encontrar uma ligação entre todas as artes. O autor também revela que a prática da música ajuda o aluno no desenvolvimento da coordenação motora, estimula a mente imaginativa, une ações de autodisciplina e descoberta, auxilia a relação social, o desenvolvimento harmônico da personalidade, levando os alunos a uma sensação de integração com o mundo que instiga à resolução de conflitos pessoais (SCHAFER, 1992, p. 280).

Reforça que os sons do ambiente recebem atenção especial e passam a fazer parte do estudo musical. Schafer (2001) chama este processo de “Paisagem sonora”, que tornou-se conhecido entre os educadores. Em seus estudos, com a percepção de sons de diversos ambientes utiliza estratégias para sensibilizar o ouvido de seus alunos, como fazer um passeio por um bosque de olhos vendados. "Paisagem sonora" é o conjunto de sons que nos rodeiam e esta paisagem é muito importante, pois reflete o ambiente em que estamos o nosso estilo de vida e, obviamente, relaciona-se com a música que fazemos.

Alguns autores como Schafer (1992 e 2001), Souza (2011), Ostrower (1995 e 1999), Swanwick (2003), entre outros, ressaltaram a importância da criatividade como fator relevante no desenvolvimento da pessoa. Confirmando tal pensamento, podemos lembrar Ostrower que atesta que o homem cria não apenas porque quer, ou porque gosta, mas, sim, porque precisa. A autora aponta, ainda, que quando o ambiente cultural, naturalmente, não propõe meios para esse desenvolvimento, a escola deve assumir esse papel, pois o processo de educar, sobretudo na arte, deve cuidar do desenvolvimento da sensibilidade, por meio dos órgãos dos sentidos.

Ostrower (1995, p. 38), quando discorre sobre a sensação de fazer arte, aponta que “ao final do concreto, saímos com a sensação de termos mergulhado numa experiência de vida”. Esta sensação não se esgota num simbolismo meramente associativo, pois em nossa memória fica um todo, um curso de ordenações, uma trajetória de tempo e espaços vividos, recolhidos e articulados, que serão compreendidos por nós como equivalentes a nossas tensões emocionais, a determinados estados afetivos e certos valores existenciais, que deles fazem parte. A autora, por fim, considera que ao recriarmos em nós as formas, criamos novas realidades vivenciais, pois as configurações da arte preservam as plenas dimensões da experiência do real.

Pode-se perceber que, para o desenvolvimento da criatividade, os momentos de vivências criativas precisam ser constantemente exercitados e levados a uma intenção: o de criar. Segundo Ostrower, as atividades que desenvolvem a criatividade podem ser pré-elaboradas, estudadas, sistematizadas e contínuas. Isto porque tais atividades precisam ser reconhecidas como ferramentas que vão basear os momentos de criação e o lúdico deve ser um atrativo para que possa gerar idéias. A criatividade, deve ser trabalhada e implementada em toda aula.

Esse processo também retoma a ideia de que qualquer pessoa pode aprender e fazer música, pois assim como em outras disciplinas, todos devem participar e compreender seus conceitos através dos três aspectos fundamentais no envolvimento da música, isto é, execução, apreciação/reflexão e criação musical (composição e improvisação). O trabalho com estes aspectos, principalmente, a criação musical deve ter como objetivo desenvolver a musicalidade dos alunos na escola, tendo a aula de música espaço com conteúdo a ser trabalhado, como as outras disciplinas.

Segundo o educador musical Keith Swanwick (2003), para transformarmos sons em música é necessário, primeiro, fazer uma seleção dos sons que vamos utilizar; depois, devemos estabelecer relações entre esses sons; e, finalmente, precisaremos da intenção de fazer música com os sons selecionados e organizados. Nesse sentido, para fazer música:

A curiosidade não é despertada ditando informação sobre a vida dos músicos ou sobre a história social, nem dizendo sempre aos alunos o que eles precisam ouvir nem tratando um grupo musical como ele se fosse uma espécie de máquina. É preciso que haja algum espaço para a escolha, para a tomada de decisões, para a exploração pessoal. Isso significa a possibilidade de trabalhar individualmente e em pequenos grupos. Existe alguma razão especial para que bons grupos musicais trabalhem sempre de forma coletiva? Os alunos em pequenos grupos trarão suas próprias interpretações e tomarão suas próprias decisões musicais em muitos níveis. Eles começarão a se “apropriar” da música por eles mesmos. (SWANWICK, 2003, p. 67).

Dessa forma, o autor aponta que a criatividade musical deve ser trabalhada na escola para desenvolver a capacidade de nossos alunos de ouvir e vivenciar música, ampliando e aprofundando suas relações com ela, possibilitando ao aluno a descoberta de um universo de significados, que só o contato com a música nos permite. Ouvir é uma atitude dinâmica.

Pensando assim, procurei desenvolver as aulas de Arte para o 8º ano do Ensino Fundamental, com ênfase no ouvir, experimentando os sons, numa perspectiva que visa proporcionar ao educando a possibilidade de sua participação nas atividades escolares, onde ele é capaz de investigar, questionar, analisar, verificar resultados e argumentar logicamente, dando-lhe a oportunidade da contextualização dos conteúdos de acordo com as suas experiências cotidianas e ao mesmo tempo, a outras distantes de sua realidade. Além disso, procurei valorizar o trabalho em grupo, enfatizando os valores éticos, como o respeito ao próximo e ao meio ambiente.

Minha primeira formação é em Artes Visuais. Percebendo a dificuldade em atender o currículo de Arte na rede estadual de ensino do Paraná, que tem como proposta trabalhar as quatro áreas, Artes Visuais, Dança, Música e Teatro, senti a necessidade de mais pesquisa e então busquei a segunda graduação, em Música. Esse trabalho em sala de aula foi possível devido ao espírito pesquisador como também a formação PARFOR (Plano Nacional de Formação de Professores) em Música.

No desenvolvimento dessa proposta de construir a intenção musical na escola, procurei desenvolver as atividades partindo do ouvir para despertar a consciência sonora dos alunos e partindo desses sons os alunos puderam descobrir seus próprios sons, pela experimentação, e fazer pequenas composições musicais. Tentei mostrar que é necessário experimentar, ter curiosidade em relação à música e proporcionei atividades para que esse despertar acontecesse.

Como exemplo, cito a aula em que fizemos um passeio sonoro nos arredores da escola, com o objetivo de ouvir os diversos sons. Fomos todos em silêncio a uma praça perto da escola, onde os alunos puderam perceber muitos tipos de sons, caminhão de lixo fazendo muito barulho, o pessoal da limpeza cortando grama e varrendo a rua, pessoas andando, pássaros cantando. Antes de sairmos da sala foi recomendado para os alunos prestarem bem atenção nos sons, que ao retornarmos teríamos outra atividade. Pedi para que fizessem uma lista dos sons que ouviram no passeio sonoro, escrevendo de onde vinham tais sons, como era o som. E assim eles o fizeram. Neste momento da aula perguntavam como poderia escrever, por exemplo, o barulho da moto serra. Respondi que cada um poderia escrever da maneira que achasse melhor e que depois nos iríamos ler as listas em voz alta para observarmos as diferenças. Ao final da aula solicitei que eles ao voltarem para casa “abrissem bem os ouvidos” para os sons que eles iriam encontrar no caminho.

Sobre composição musical cito uma aula em que partindo dos sons selecionados do passeio sonoro, os alunos fizeram improvisações com dois sons, depois com três e com quaisquer sons que eles selecionavam, pedindo que aplicassem todos os elementos já aprendidos como: som e silêncio, intensidade, timbre. Partindo das improvisações os grupos foram fazendo composições musicais com os sons recolhidos do passeio sonoro.

Foi muito gratificante ver os alunos elaborarem suas composições musicais, pois pude perceber como estas atividades privilegiam o trabalho em grupo e a autocrítica e vai

aperfeiçoando a criação musical dos grupos. Quanto mais os alunos trabalhavam, mais eles tinham idéias e iam organizando essas idéias.

A apreciação musical foi fundamental para a realização da proposta de composição musical. O objetivo das aulas de apreciação era que os alunos se interessassem e questionassem sobre a forma de produção musical. Ao apreciarem os vídeos escolhidos<sup>1</sup>, os alunos puderam conhecer diferentes maneiras de se fazer música. Eles, também, construíram instrumentos musicais para exercitarem as habilidades rítmicas a partir de novos materiais, além da audição de timbres diferenciados. Estas práticas de construção de instrumentos e o trabalho exploratório com seus sons despertaram a curiosidade e a criatividade trabalhando o ritmo e pulsação. Durante as atividades eram explicados os elementos formadores da música: altura, duração, timbre, intensidade e densidade, sempre a partir de uma prática que dava o exemplo necessário ao entendimento do elemento em questão. Assim sendo, procurei trabalhar esses elementos de modo simultâneo, percebi que dessa forma despertava a curiosidade e interesse, contribuindo para o entendimento de questões sobre a produção do som e suas propriedades, sobre acústica e sobre o funcionamento dos instrumentos musicais.

As atividades foram todas gravadas e ao final de cada trabalho, assistíamos e revíamos as filmagens, avaliando todo o processo, fazíamos reflexões a respeito do que foi aprendido e do que poderia ser melhorado, quais eram os pontos positivos e pontos que deveríamos rever e refazer.

Todo o trabalho foi realizado coletivamente. No início eu conduzia as atividades, mas com o desenvolvimento e envolvimento dos alunos, fazia a proposta e eles em grupo executavam todas as tarefas. O interessante desse processo foi observar a forma como eles se desenvolveram interagindo uns com os outros, sendo que no início, se agitavam, não entendiam as propostas, mas com a perseverança da professora no processo participativo, os alunos conseguiram desenvolver o potencial criativo, trocar conhecimentos e realizar a proposta de intenção musical na escola.

Ao longo das aulas, apesar de observar fatores positivos, dificuldades foram sentidas no dia a dia. Estas eram relacionadas ao espaço físico e à acústica, pois música precisa de

---

<sup>1</sup> Muitos vídeos foram apresentados aos alunos, tais como: <sup>1</sup> ZIRIGUIDUM. Elza Soares e Miltoninho. <Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=7iZbiHshBZY>. Musica na Lagoa.Hermeto Pascoal . <Disponível em :<https://www.youtube.com/watch?v=06Qm-Z5OsHw>. <http://www.barbatuques.com.br>. <http://www.uakti.com.br/> <http://www.patubate.com/> <http://www.stomponline.com/> <http://http://www.lengalalenga.blogspot.com>.

sons, que podem atrapalhar os outros professores. Existe falta de espaço para os instrumentos na escola em que trabalhei; falta de materiais didáticos e, sobretudo, falta de um currículo adequado para uma proposta com criação musical. O Estado do Paraná tem a proposta das Diretrizes Curriculares (DCEs) para o Ensino da Música na Educação Básica, na qual explicita que, através de práticas musicais com elementos diversificados, o aluno poderá ampliar sua capacidade perceptiva, expressiva e reflexiva com relação ao uso da linguagem musical. Mas esse ensino está na disciplina de Arte, onde devem ser trabalhadas as quatro áreas (mesmo que o professor não tenha formação em todas elas).

Diante de tais avaliações fiz a proposta de reforma de espaço físico adequado para as aulas de música, ao qual foi aceito pelo estabelecimento de ensino e implementado. Hoje temos um local bem amplo, que acolhe os instrumentos musicais e as atividades da área. O fato de ter a professora efetiva com formação em música parece deixar a escola mais à vontade e a gestão em condições ideais para aceitar o ensino de música. Durante todo o desenvolvimento do trabalho, que aconteceu no primeiro semestre de 2014, só foi trabalhado o ensino de música na aula de Arte com o consentimento da escola, fato que considero um avanço, já que, em função da complexidade, o ensino de música muitas vezes foi deixado de lado em nossas escolas.

Após a aplicação das aulas que faziam parte do planejamento e execução do plano docente das aulas de música utilizando as idéias de Schafer, observei os benefícios com relação aos alunos. A aprendizagem de música foi significativa e os favoreceu muito, principalmente, no que se refere ao desenvolvimento social, afetivo e rítmico, possibilitando a expressão dos sentimentos dos sujeitos envolvidos. O trabalho realizado proporcionou, também, a integração, compreensão, participação, motivação, cooperação entre os alunos, pois as atividades desenvolvidas eram coletivas, houve melhora da autoestima, e ao final mostraram-se mais confiantes nas realizações das práticas musicais.

No entanto para realizar esse trabalho, foi necessário muito estudo e pesquisa. Como defende Souza (2006) que aponta a pesquisa como peça chave para a atuação do professor, um profissional que reflete sobre sua prática tem mais possibilidade de encontrar novas abordagens musicais mais bem encaminhadas e consistentes. A pesquisa “coloca o educador numa posição de constante reflexão sobre sua prática, colaborando com a tomada de decisão

sobre os conhecimentos que devem ser orientados em seu fazer cotidiano” (SOUZA, 2006, p. 107).

Como pude vivenciar duas formações na área e a docência de Arte ensinando música defendo que o ensino de Música seja efetivado como uma disciplina específica na escola, tal como ministrei na experiência aqui relatada.

Diante de dificuldades, o educador musical deve propor alternativas para as problemáticas encontradas na escola em que atua. Desta forma, as metas do trabalho podem ser atingidas, com desenvolvimento da consciência sonora instigando curiosidades, criando composições musicais, contribuindo para que o processo de aprendizagem aconteça de forma plena em cada aluno e que seja desenvolvida a musicalidade na escola.

## Referências



**XVI Encontro Regional Sul da ABEM**  
*Educação musical: formação humana, ética e produção de conhecimento*  
Blumenau, 11 a 13 de setembro de 2014



MORIN, Edgar. *A Cabeça bem-feita: Repensando a reforma, reformar o pensamento*. Tradução Eloá Jacobina. 9º Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

\_\_\_\_\_. *Os sete saberes necessários à educação do futuro* ; tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya ; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. – 2. ed. – São Paulo: Cortez; Brasília, DF : UNESCO, 2000.

OSTROWER, F. *Criatividade e processos de criação*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_. *Acasos e criação artística*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1995.

SCHAFER, M. *O ouvido Pensante*. Trad. Marisa Fonterrada. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

\_\_\_\_\_. *A afinação do mundo*. Marisa Fonterrada. São Paulo: Editora UNESP, 2001

\_\_\_\_\_. *Educação Sonora*. Trad. Marisa Fonterrada. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2009.

SWANWICK K. *Ensinando Música Musicalmente*. Trad. Alda Oliveira e Cristina Tourinho. São Paulo: Editora Moderna, 2003.

SOUZA, Cássia Virgínia Coelho de. *A música Contemporânea de Concerto na Educação Musical*. “Texto elaborado para a disciplina “Teorias da Educação Musical da UNB. Brasília, 2011.

\_\_\_\_\_. *Linguagens Música*. “Trabalho apresentado para o Curso de Licenciatura em Música a distância” Universidade Federal de Mato Grosso Núcleo de Educação Aberta e a distância: Cuiabá, 2001.

\_\_\_\_\_. Conhecimento pedagógico-musical, tecnologias e novas abordagens na educação musical. *ABEM, revista n°14*. Acesso em 04/05/2014. Disponível em [http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/revista14/revista14\\_artigo10.pdf](http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/revista14/revista14_artigo10.pdf)

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984. Acesso em 20/05/2014. Disponível em <http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/vygotsky-a-formac3a7c3a3o-social-da-mente.pdf>